

OLHARES (IM)POSSÍVEIS: CRIAÇÃO FOTOGRÁFICA A PARTIR DOS CONFLITOS DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO

Ana Carolina Brambilla Costa¹

Como elaborar uma estratégia de ensino quando um assunto aparente banal se torna (im)possível na sala de aula? Este ensaio é composto pelos movimentos de pensamento trazidos a mim, professora de Arte, a partir das experiências com leituras de notícias e produção de imagens fotográficas nas aulas deste componente².

O conteúdo de partida, proposto pelo currículo e pelo material didático, era a abordagem da arquitetura neoclássica e a valorização do patrimônio cultural arquitetônico. Como pano de fundo, a educação patrimonial para a cidadania, que implica no reconhecimento e valorização do patrimônio cultural a partir do olhar para o local (HORTA, 1999).

Iniciei as propostas pedagógicas assumindo a responsabilidade de levar aos estudantes as características da arquitetura neoclássica e a importância da preservação destes prédios enquanto patrimônio cultural (expressa nas políticas de tombamento, por exemplo). Deveria explicar-lhes; deveria inculcar-lhes a importância de tal assunto. Comodamente, assumia o papel de subjugar a inteligência dos estudantes à minha própria; encontrava-me mestre explicador (RANCIÈRE, 2002).

Só me dei conta deste fato quando a comodidade desse local de fala foi sacudida pela inteligência dos estudantes. Os livros foram fechados. Enchentes de questionamentos sobre patrimônio arquitetônico invadiram a aula, motivadas por discussões que aconteciam com grupos culturais e cidadãos descaltadenses nas redes sociais. O impasse: o caso de um casarão centenário do município, em vias de tombamento solicitado pela sociedade civil, que havia sido rapidamente vendido a uma grande rede de farmácias e demolido.

Este caso desentrou nos comentários dos internautas outros casos de demolição ou de descaracterização de prédios tombados do município, na contramão da legislação. As postagens, entretanto, não apontavam apenas para uma denúncia desses casos, mas abriam as margens para a discussão das contradições da própria legislação, na voz dos proprietários, que argumentavam sobre as desvantagens de possuir um bem tombado. E esses diferentes pontos de vista foram deslocados das redes sociais para as carteiras da sala de aula, em enxurradas de perguntas.

Eu não sabia responder a essas questões. Eu não sabia o que era verdadeiro o suficiente para ser ensinado. Frio na barriga. Como construir uma prática escolar – e artística- com o assunto, a partir daí?

Primeiro movimento: quando a incerteza incentiva a criação

A discussão dos estudantes, pautada pelo crescente espaço de debates, denúncias e impasses que as políticas públicas para o tombamento ganharam nas mídias da região, indicava impossibilidades de pensar a preservação sem pensar nos conflitos.

Essas disputas abriram espaço no currículo, comprometendo a aula de Arte com a cultura visual e as “questões da diferença³ e do comportamento ligadas a desvios e perspectivas culturais e sociais conflitantes” (MORRIS, DANIEL, STUHR, 2005, p. 266). Dessa maneira,

¹ Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: carolbramb@gmail.com.

² Estas experiências foram realizadas de 2013 a 2015, com turmas do 1º ano do Ensino Médio do Centro Educacional SESI, em Descalvado-SP.

³ Aqui os autores utilizam o termo *diferença* referindo-se às diferenças culturais na perspectiva dos estudos de interculturalidade.

um conteúdo aparentemente distante fez profundas articulações com a realidade dos atores do processo de aprendizagem.

Questões que nunca rodearam meus pensamentos estremeceram o planejamento docente bem estruturado: que escolhas denotam as políticas de tombamento? O que é um patrimônio? Quem escolhe? Prédio tombado é importante para o coletivo, mas é aberto ao coletivo? Que relações se dão entre a preservação do passado e as ações do presente?

Uma estudante exclamou, ao final de uma roda de debate: “Esse assunto é impossível!”. E era, porque rompia com a certeza e a verdade geralmente presentes nos conteúdos escolares. Meu sentimento era semelhante: era impossível, são várias camadas de verdades, de problemas, de conflitos, de realidades, de singularidades. Como produzir algo a partir daí, sem delimitar o olhar dos estudantes, mas incentivá-lo a ser múltiplo?

Partimos, então, dos disparadores de toda a discussão: as notícias e comentários das redes sociais. Propus aos estudantes a leitura de notícias sobre as políticas de tombamento de prédios, não apenas locais, mas nacionais, que foram selecionadas evitando a busca de representações únicas, para privilegiar a provocação de diferentes pensamentos sobre processos de tombamento recentes na região e no Brasil.⁴

Discutidas em grupos e depois socializadas coletivamente, as notícias construíram uma rede multifacetada de questionamentos, a partir das ligações entre as várias situações relatadas, e das disputas de concepções que implicavam em uma ação-(re)visão do texto da lei de tombamento.

Desse movimento, uma dupla necessidade: refletir sobre as políticas legais, mas sem toma-las como monolíticas, e propor um processo de criação reflexivo dos estudantes, não como fechamento, mas como mapeamento de seu próprio olhar nas conexões em trânsito na realidade. Para que a sala de aula pudesse se tornar espaço de encontro desses olhares, resistindo à conceitos únicos e tendo abertura para provocar múltiplos pensamentos sobre o assunto, foi necessário reescrever a palavra impossível. (Im)possível?

Segundo movimento: a imagem artística como multiplicadora de pensamentos

A inspiração nos artistas Michael Eastman (“Havana”, 1999-2002) e Marjan Teeuwen (“Destroyed Houses”, 2009) - e seus olhares sobre beleza e abandono em edificações- indicou a potência das imagens fotográficas para discutir e apontar novos caminhos.

As imagens foram apreciadas em sala de aula, e, a partir delas conversamos sobre os principais pensamentos e sensações despertados.

⁴ Os temas principais selecionados foram: descaracterização de prédios tombados, ineficiência das políticas de tombamento, iniciativas de revitalização, dificuldades de promover reformas de acessibilidade e debates sobre grafites em bens tombados.



Figura 01: Havana (Eastman). Disponível em: <<http://www.eastmanimages.com/3091674-havana-1999-2002#e-0>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

Em Eastman, a composição com cores, texturas e objetos revelava a beleza presente na deterioração: nas marcas de infiltração, nos varais improvisados do que um dia pareceu sinal de distinção social. Não há imagem de pessoas, mas se intui sua presença. Sensação de silêncio.

Em Teeuwen, o abandono é recriado pela artista, que recompõe com os detritos dos próprios prédios formas impressionantes. As imagens apontaram para a potência de compor com ritmos, formas, cores, texturas, sem interesse em representar o prédio, mas intervir em sua estrutura, reinventando-a.

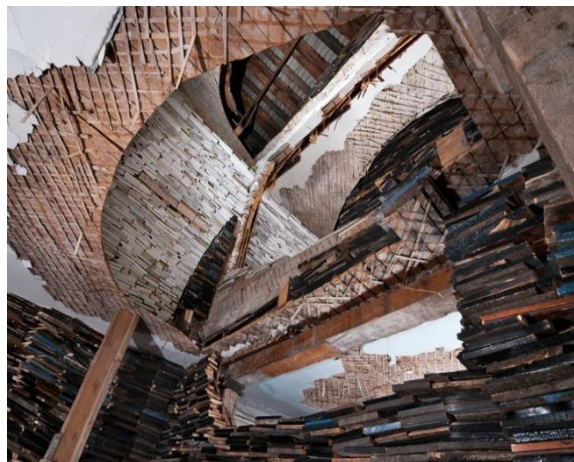


Figura 02: Casa destruída Krasnoyarsk (Teeuwen, 2009). Disponível em: <http://da1.appleisp.nl/~kw14/wp-content/uploads/2015/03/mt_works.pdf>. Acesso em 15 ago. 2016.

A partir dos pensamentos e sensações disparados pelas imagens dos artistas, propus a criação fotográfica aos estudantes. Como o ponto disparador de toda a discussão foi o município, a criação propôs um retorno: olhar de novo as questões de preservação de patrimônio arquitetônico que estão presentes no cotidiano, e ver o (im)possível através daí. A ideia era que as imagens refletissem sobre a própria experiência de se deslocar na cidade e observar os prédios sobre os quais discutimos dentro da sala de aula, mapeando os olhares dos estudantes sobre as discussões.

Terceiro movimento: pensar com imagens

Momento de socialização das fotografias produzidas. Espaços de encontro dos diversos percursos e olhares que foram estabelecidos a partir da leitura de notícias e da discussão dos conflitos relacionados às políticas de tombamento de patrimônio arquitetônico.

As fotografias, com suas múltiplas entradas, implicam também na multiplicação de olhares e sentidos, fora de uma construção escolar em que o resultado da aprendizagem pudesse ser previamente verificável.

Proponho nesse movimento de reflexão docente, pensar com as imagens, selecionando, recortando e colando pensamentos construídos coletivamente a partir dos olhares individuais dos estudantes.



Figura 03: Casarão da Santa Casa (fotografia de G. Z., 2014). Arquivo pessoal.

O prédio da Santa Casa chama a atenção. Embora não seja tombado, tem suas características relativamente preservadas. Sua beleza arquitetônica, sua relação com o passado o posiciona dentro de quais orientações espaciais? A imagem do prédio, quase flutuando no espaço sideral, pode torna-lo atemporal, não pertencente mais a uma fronteira geográfica, mas talvez um território. Seria isso um patrimônio? O que atravessa o tempo, e propõe uma desnaturalização de si próprio na relação presente-passado-futuro?



Figura 04: Partiu sujar carros (fotografia de G. C., 2014). Arquivo pessoal.

É o mesmo prédio que vemos na figura 04. O movimento do olhar, entretanto, passa despercebido pelo peso da arquitetura. Concentra-se no irrelevante, no que torna absurdamente (ir)real esse mesmo prédio: uma pomba, sobre o frontão com a imagem da padroeira católica do edifício. É a pomba quem merece destaque, quem executará o jogo da ação expressa pelas *hashtags* das redes sociais. Ela levantará voo. E sujará os carros. E o prédio continuará ali. Movimentos do cotidiano no arredor do patrimônio que o ancoram à importância do banal.



Figura 05: Desimportância (fotografia de G. S., 2014). Arquivo pessoal.

Em um sentido diferente, G. S. brinca com um jogo de enquadramento que inverte a proporção das figuras. As pernas, muito maiores que o prédio, é que possuem o poder de desmerece-lo, talvez até de destruí-lo. Esta imagem, construída a partir de uma ideia de representação da destruição, ganhou novos sentidos quando exibida ao lado de fotografias mais experimentais. O que nos leva a pensar que a experimentação do olhar nas imagens pode desacostumar os pensamentos e propor novas experimentações de sentidos.

A figura 06 apresenta a única fotografia feita a partir de um prédio público que é efetivamente tombado (aos cuidados do CONDEPHAAT-SP) na cidade. Ali funcionou, por

certo tempo, a única sala de cinema de Descalvado. Em 2012, com a falência do empreendimento, essa ala do prédio foi fechada ao público.



Figura 06: A invasão do cinema (fotografia de I. V., 2013). Arquivo pessoal.

Mas e se esse prédio fechado fosse invadido? Não pelos cidadãos, mas por personagens da ficção? Trariam humor ao edifício? Que tipo de sentidos essa invasão poderia trazer? Que tipo de invasão poderíamos fazer para nos apropriar dos prédios públicos? Uma invasão do olhar?



Figura 07: Sem título (fotografia de B. Z., 2014). Arquivo pessoal.

Um prédio fechado ao público também é a temática de partida da fotografia acima. Do prédio, entretanto, pouco se vê: multiplicam-se as imagens das grades e dos cadeados que impedem a passagem das pessoas, e também a passagem do olhar. Qual o acesso das pessoas aos bens tombados? Quantos cadeados se multiplicam por aí? E quantas invasões- reais ou ficcionais- podem ser engendradas?

É a palavra *prédio* que dispara a invenção das próximas fotografias. O termo tanto pode se referir às edificações térreas (casas) quanto às construções com vários andares – que se articulam com as imagens de desenvolvimento urbano.

Em um pequeno município que possui apenas três prédios de andares, o que é utilizar a palavra como sinônimo de construção? É o que se pergunta a fotografia abaixo, em um panorama geométrico da cidade horizontal e ruralizada, que se dobra sobre a estrada vazia no canavial. Prédios? Não seria patrimônio algo de outra ordem?



Figura 08: Prédios? (Fotografia de A. D., 2013). Arquivo pessoal.

Ou então, porque não destacar exatamente a raridade desses prédios de andares que não têm importância histórica no passado do município- já que muito recentes- mas que são o elemento comum que conecta uma pequena cidade e uma metrópole? E então, esquecer das características neoclássicas e passear o olhar pelas varandas e antenas dos apartamentos, no fundo escuro e dramático sobre o qual se impõem as linhas retas geométricas.

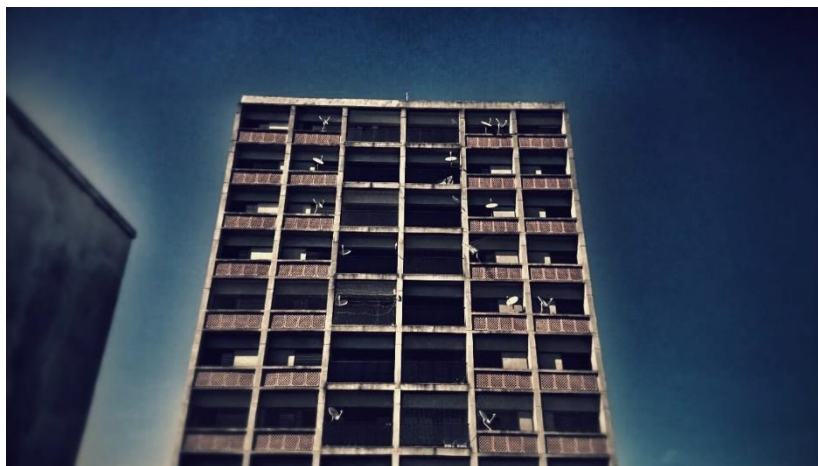


Figura 09: Prediando (fotografia de R. V., 2015). Arquivo pessoal.

O passeio do olhar também é explorado pela estudante J. G. Em seu percurso, ela escolhe um prédio relevante para sua infância. Ao visitá-lo, encontra um escorregador.



Figura 10: Escorregar (fotografia de J. G., 2015). Arquivo pessoal.

E então a fotografia se torna uma brincadeira de olhar que intui um corpo ali, quase a escorregar no movimento repetitivo das imagens. É o afeto e a infância que se presentificam. Podemos refletir sobre as memórias na construção do patrimônio, mas também é possível imaginar um olhar de criança no tratamento das discussões, um olhar que transita pelo espaço e o explora corporalmente.

Na contramão da brincadeira, na figura 11, as lápides do cemitério sustentam-se precariamente sobre as nuvens, e parecem se deixar cair no movimento impactante proposto pela linha diagonal da composição. O título da fotografia é extraído do autor Virgílio Ferreira e conduz os pensamentos para as diferenças sociais, que marcam a construção e seleção de um patrimônio. E permite perguntar: será que os mortos não sabem dessas diferenças, quando a própria construção arquitetônica das lápides evidencia a hierarquia social existente em vida? A imagem fotográfica seria capaz de desequilibrar essas hierarquias?



Figura 11: “Das diferenças impostas os mortos nada sabem” (fotografia de C. A., 2013). Arquivo pessoal.

As fotografias dos estudantes, transitando entre o documental e o experimental, propuseram novas questões e direções a serem exploradas: o que devemos preservar? Como (convi)ver o passado? O relevante para cada um é coletivo? Como a arquitetura pode se relacionar com os afetos pessoais? E com a política?

Os pensamentos disparados por elas são múltiplos e podem ser multiplicadores de outras sensações, pensamentos e imagens, desestabilizando uma construção pedagógica da verdade única e propondo deslocamentos por pensamentos nômades que atravessam fronteiras e erram, sem perder o rumo, esquivando-se da semelhança e da conformidade (DELEUZE; PARNET, 1998), e apontando para as forças de devires nos percursos do olhar dos estudantes. E, claro, na minha docência errante nesta experiência relatada.

Referências

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

HORTA, M. de L. P. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

MORRIS, C. B.; DANIEL, V. A. H.; STUHR, P. L. Questões de diversidade na educação e cultura visual: comunidade, justiça e pós-colonialismo. In: BARBOSA, A. M. T. B. (Org.). **Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 264-267.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.